

Jornal Estado de Minas, julho de 2002.

O festival de inverno e os arquivos do DOPS.

Machado, Otavio Luiz.

Cita:

Machado, Otavio Luiz (2002). *O festival de inverno e os arquivos do DOPS*. Jornal Estado de Minas, julho de 2002.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/24>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/r8H>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Publicador Journal do Estado de Minas,
18 de Julho de 2002, p. 3

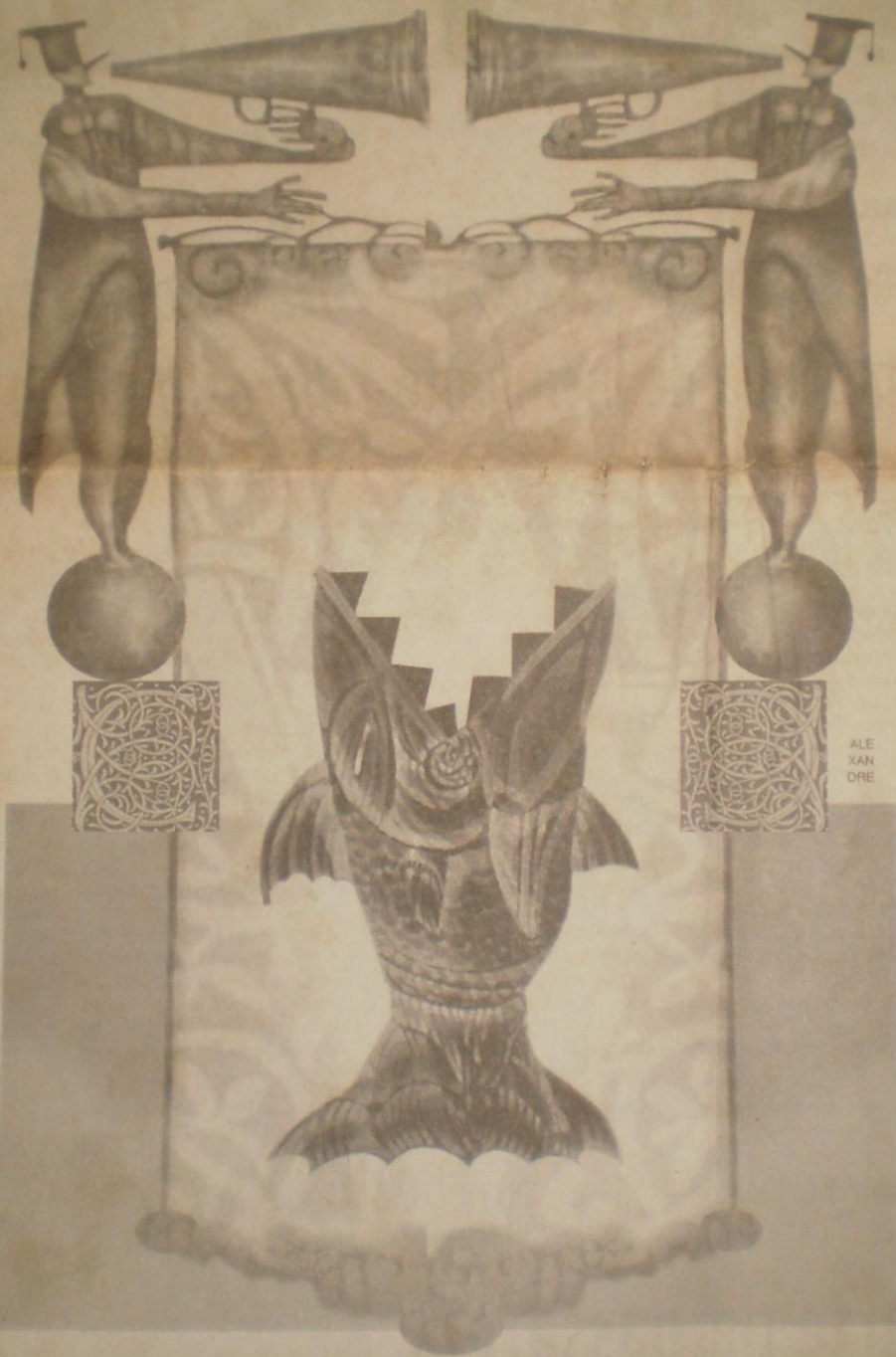
O Festival de Inverno e os arquivos do DOPS

OTÁVIO LUIZ MACHADO

Historiador pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), organizador do livro "Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: Trajetórias e Importância" (no prelo)

O lançamento do Projeto de Digitalização, Indexação e Informatização do Acervo de Documentos do Extinto Departamento de Ordem e Política Social (DOPS) pela Secretaria do Estado da Cultura/Arquivo Público Mineiro, e o início do Festival de Inverno de Ouro Preto levam-me a resgatar alguns fatos passados nesta antiga Vila Rica no período militar instaurado em 1964.

O Festival de Inverno, iniciado pela UFMG em Ouro Preto na segunda metade da década de 60, era o evento mais visado pelo regime militar, segundo depoimentos de estudantes à época, pois além de propiciar a vinda de milhares de pessoas de todas as partes do País e do exterior, reunia dois elementos considerados perigosos: a criatividade e a juventude. No início da década de 70, o jovem repórter da revista *O Cruzeiro*, Fernando Brant, cobria "com emoção e prazer os meses de julho da velha Vila Rica, as igrejas cheias de tradição e história recebendo, com o frio da noite e o sol das manhãs, a alegria dos jovens que vinham de todo o País respirar liberdade e arte". Nas repúblicas, já que os estudantes estavam de férias e poucos ficavam na cidade neste período, as vagas dos estudantes que viajavam para a casa de seus familiares eram ocupadas por jovens artistas e intelectuais que buscavam campo para suas idéias e seu ofício. Podiam trocar experiências, pensar e se expressar com uma certa liberdade,



ALE
XAN
DRE

mesmo com o aparato de vigilância e repressão acionados ininterruptamente. As *blitze* nas casas de estudantes por agentes do DOPS eram comuns, e iam desde as

apreensões de livros considerados subversivos à intimidação dos principais líderes estudantis. Esta prática era usada para desorganizar possíveis associações de gru-

peração, manutenção e divulgação deste acervo, que fazem seu trabalho com muito compromisso e decência, mesmo enfrentando dificuldades.

pos locais com os de Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. A magia do Festival estava, portanto, no poder se expressar em um ambiente extremamente policiado.

Hoje é compreensível que o Festival, além de incentivar práticas artísticas, permita o aprimoramento do pensamento político dos seus participantes, já que antes a política era a matéria-prima da arte. A escolha de Ouro Preto para sediar o Festival se devia ao ambiente de cidade-museu, do conjunto de significações culturais ou artísticas e às condições para a permanência de milhares de jovens que procuravam a cidade para tê-la como seu próprio ateliê, ou em busca de um público aberto às suas idéias.

O trabalho que o Arquivo Público Mineiro faz sobre a documentação do antigo DOPS é algo a ser aplaudido, principalmente no momento em que a política de direitos humanos passa a ser uma política da dignidade humana, cabendo aos pesquisadores elucidarem tantas práticas de espionagem, censura, intimidação e outros mecanismos que o regime utilizava, para que os valores democráticos sejam cada vez mais incorporados às nossas práticas cotidianas. Parabéns aos funcionários e demais profissionais que trabalham na re-